

O DIA DE FINADOS E A VISITA AOS TÚMULOS NO CEMITÉRIO JARDIM DA ESPERANÇA EM MONTES CLAROS: RITUAL DE COMEMORAÇÃO FESTIVA DA MORTE

Autores: RENATA LOPES DE OLIVEIRA,

O Dia de Finados e a visita aos túmulos no cemitério Jardim da Esperança em Montes Claros: ritual de comemoração festiva da morte

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma atividade de pesquisa intitulada: Rituais da morte no cemitério Jardim da Esperança em Montes Claros. A atividade foi um exercício de pesquisa desenvolvido durante a disciplina Estudo de Campo I, do Curso Ciências da Religião da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

Visto que em Montes Claros as pessoas visitam o cemitério durante o ano por diferentes motivos, tais como, aniversário do morto, aniversário de morte, realização de orações em dias santos e, no dia de finados, dia em que o cemitério recebe um fluxo maior de visitantes, a referida atividade teve como objetivo cerne, saber como as pessoas se comportavam durante o ritual de visitação aos túmulos no dia de finados.

No intuito de observar o ritual de visitação aos túmulos, no cemitério no dia 02 de novembro de 2016, descrevendo o comportamento e as “emoções” apresentadas pelas pessoas que visitam seus mortos, nos dirigimos às 9 (nove) horas da manhã até o Cemitério Jardim da Esperança, localizado na Av. Leonel Beirão de Jesus, 1620 - Vila Luiza em Montes Claros – MG.

Além de observar o comportamento das pessoas durante o ritual de visitação dos túmulos no dia de finados, nos propomos a visitar o cemitério supramencionado examinando o ritual de visitação aos túmulos dos mortos e registrando, também por fotografia, o ritual de visitação das pessoas aos túmulos.

Nosso objetivo era descrever os comportamentos e as “emoções” perceptíveis durante o ritual de visitação aos túmulos dos mortos, e refletir, tendo como as teorias acerca do ritual de morte, sobre os comportamentos observados e sobre as reações e “emoções” das pessoas, que visitam os mortos em seus túmulos.

Vale aqui ressaltar, que o embasamento teórico é de suma importância, pois através dele é possível conhecer as contribuições dos autores cujos trabalhos são significativos para esse tema de pesquisa, nos quais dentre eles queremos ressaltar Bandeira (2010), Camurça (2009) e Dias (2010).

Para o campo das Ciências da Religião essa temática possui considerável relevância, pois possibilita aos estudiosos a observação de determinados aspectos sociais, culturais e até econômicos em torno do ritual de morte.

Material e métodos

No dia dois de novembro de 2016, às 9 (nove) horas da manhã, no Cemitério Jardim da Esperança, localizado na Av. Leonel Beirão de Jesus, 1620 - Vila Luiza em Montes Claros – MG, passamos a observar e registrar, o comportamento e as emoções das pessoas, que apresentavam ao realizar o ritual de visitação aos túmulos dos mortos.

Nesta pesquisa de campo utilizamos procedimentos técnicos, como a observação e o registro destas observações em diário de campo e realizamos também registro por meio de fotografias, estas não serão divulgadas para preservar a identidade das pessoas presente no local da pesquisa.

Este estudo se estruturou com abordagem metodológica, na perspectiva qualitativa, classificado como descritivo, quanto aos objetivos e abordando o objeto de pesquisa com a pesquisa bibliográfica, embasada a partir dos teóricos indicados pela professora Doutora Janice, em aula.



Após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, transformamos a análise dos dados à luz do referencial teórico no presente relato de experiência.

Resultados e discussão

Os rituais da morte são estudados por antropólogos, sociólogos, historiadores, psicólogos e cientistas da religião, com o intuito de conhecer culturas e especificar certos padrões de comportamentos em relação à forma como os seres humanos lidam com a morte.

“Em nossa sociedade, a morte e o medo, da mesma, faz parte do cotidiano das pessoas”. (Bandeira, 2010, p. 2). Entretanto, a ida ao cemitério no dia de finados é um ritual presente na cultura dos centros urbanos. Cada visitante que vem ao cemitério no dia de finados possui sua devoção e faz sua homenagem aos mortos de forma pessoal ou coletiva, com seus ritos próprios e definidos.

Se observarmos nossa sociedade, verificaremos que todos os nossos atos da vida social são imbuídos de ritos e símbolos, desde o nascimento até a morte. Ainda que, “diferentes culturas e sociedades possuam concepções próprias do tempo, dos fatos acontecidos, do transcurso da vida e da morte” (Bandeira, 2010, p. 2). Sendo assim, o costume de visitar os mortos no dia de finados é uma representação cultural e religiosa.

Cada pessoa neste dia realiza o seu ritual, umas levam flores, outras levam velas, objetos de sua crença como terços ou objetos que possam agradar o falecido, cada qual com sua motivação. A partir disso, vale citarmos que: “Na sociedade, o envolvimento com as intenções veladas das pessoas se dá pelos símbolos que elas usam no seu cotidiano”. (DIAS, 2010, p. 2).

Ao chegar a entrada do cemitério, já na calçada do entorno do cemitério vemos muitas pessoas transitando, a maioria seguindo o fluxo para a entrada do mesmo. Percebemos o grande número de comerciantes ambulantes, que tomam as calçadas, vendendo artigos do mais variados, velas, fósforos, flores naturais e artificiais, água, sucos, refrigerantes, frutas frescas, salgados, doces, refeição, grama, terra adubada, etc.

Também foi observada uma pequena exposição de cartilhas e livros fornecidos gratuitamente por fiéis da religião Testemunha de Jeová. Todo esse cenário de movimentação, cores, flores e sociabilidade nos remete ao que mais parece ser uma festa, e a morte em algumas religiões é vista assim.

A vida é para ser festejada, a morte também. O morto ao ser homenageado com comidas, bebidas, cantos e danças nos rituais do Sirrum, Axexê e Mukundu ou Ntambi, por seus amigos, parentes e povo-de-santo em geral, não ficará sozinho, encontrará as divindades que o receberão e confortarão, pois a morte não é o fim, mas representa um recomeço e uma reintegração. (BANDEIRA, 2010, p. 7).

Ao adentrar o cemitério deparamos com pessoas pedindo doações para uma casa de caridade. Havia também pessoas entregando mensagens de conforto para as muitas pessoas que por ali circulavam. A maneira como as pessoas se vestem e se relacionam ao encontrar conhecidos transmite alegria e descontração, ao que parecem estar num passeio no parque.

De acordo com Camurça (2009), “este partilhar com os nativos de um mesmo horizonte de experiências estéticas, simbólicas e sensoriais coloca o antropólogo em sintonia com estas experiências, e o faz surpreender-se ao responder à situações concretas de forma semelhante que estes”.

Nota-se que o espaço do cemitério é dividido em quarteirões, em alguns deles o espaço entre os túmulos é menor que um palmo, onde se cultivava grama e pequenas plantas, já em outros quarteirões avistava-se túmulos com enormes monumentos, muitos em mármore com grandes imagens de santos e anjos. Remetendo-nos assim a separação das classes sociais dentro do cemitério.

Ao passar pelo cruzeiro, uma cruz extensa, onde os visitantes acendem velas, colocam flores e fazem orações, podemos perceber que muitas pessoas ficam por ali um longo período de tempo, fazendo suas orações. Muitas pessoas com fotos, terços, objetos que pertenciam, talvez ao ente querido ou que trouxeram porque o falecido gostava e querem com este gesto lhe agradecer. Para Dias (2010), “os rituais e suas significações são de natureza emocional, pois provocam reações semelhantes nos indivíduos de um mesmo grupo, se configurando em maneiras próprias de ver o mundo, de agir e pensar coletivamente”.

É possível perceber que muitas pessoas estão em grupos, parecem familiares ou amigos, que vieram juntos ou ali se encontraram e que resolveram fazer o ritual de visitação juntos. “Não se pode negar a eficácia do ritual para demonstrar sentimentos coletivos, como símbolos míticos, ou determinadores de alguma essência religiosa”. (DIAS, 2010, p. 2).

Alguns oravam em círculo, de mãos dadas ou não. Avistamos pessoas isoladas, realizando o ritual de visitação aos túmulos, sós, rezando, de joelhos ou simplesmente de cabeça baixa, reflexivos. Também vimos pessoas chorando, emocionadas talvez pelas lembranças que recordaram ali durante a visitação dos mortos, quem sabe ainda, a morte recente de alguém que ainda se faz muito presente.

Essa experiência de observar o outro realizando um rito que faz parte da cultura que pertencemos nos envolve e nos sensibiliza também, daí verificamos a dificuldade do trabalho do antropólogo.

Vimos crianças acompanhando os adultos e reproduzindo seus atos, verificamos um aprendizado por tradição no sentido de cultivar a cultura do rito de visitação aos mortos. “[...] os ritos são apreendidos, repetidos e repassados, de indivíduo para indivíduo, de geração a geração, por outros modos desconhecimentos que não são, naturalmente, da teoria para a prática, mas sugere ser o contrário”. (DIAS, 2010, p. 3).

Esta talvez seja uma estratégia inconsciente de manutenção de uma tradição que não se quer que acabe ou se perda no tempo. Segundo Dias (2010), “sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente”.

A prática ritualística ao longo da história produz a permanência da cultura em diferentes sociedades. Conforme Dias (2010), “sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que a polissêmica significação desses eventos pode ser explicada pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade”.

Observamos o ritual de visitação dos túmulos dentro do cemitério, mas percebemos que o seu entorno também participa diretamente do ritual, e após o término da visita as pessoas deixam o cemitério com olhar consternado e reflexivo. “O rito, então, não é uma celebração fechada no tempo e no espaço, antes, porém, transcende as delimitações físicas dos locais onde acontecem”. (DIAS, 2010, p. 2).

Chegado ao fim da observação, concordamos com Dias (2010), ao explicar que, “[...] viver a vida em sociedade significa participar de uma troca contínua, que implica em movimentos como agregar e desagregar, constituir e reconstituir, morrer e renascer, algumas das muitas atividades essencialmente humanas”.

As pessoas que realizaram o ritual de visitação aos túmulos dos mortos, no cemitério Jardim da Esperança, no dia 2 (dois) de novembro de 2016, apresentaram alegria e contentamento ao encontrar pessoas amigas ou familiares durante o ritual; tristeza e consternação diante do túmulo do falecido; choro e expressão de saudade ou reflexão. Enfim, nos deparamos com uma diversidade de comportamentos e emoções.

Considerações finais



Alcançado o término deste trabalho verificamos que, este trabalho nos trouxe consideráveis reflexões não apenas no que tange a religiosidade cultural de uma sociedade expressa no cemitério no dia de finados durante o ritual de visitação dos túmulos, mas também uma análise desinteressada sobre a vida, a morte e as suas manifestações exteriorizadas pelo outro.

A religiosidade está presente e inerente as pessoas que visitavam o cemitério no dia de finados, fossem através dos atos realizados durante o ritual de visitação dos túmulos, fossem os que ali estavam para em função do feriado oferecer algum bem ou serviço as pessoas que por ali circulassem.

Ao final do trabalho percebemos que, cultivando a cultura de visita aos mortos, fazendo orações, homenagens e se confortando mutuamente, os indivíduos produzem, reproduzem e mantém uma determinada cultura religiosa no caso em análise o ritual de visitação aos mortos no dia de finados.

Agradecimentos

Ao PIBID Ciências da Religião-UNIMONTES por ter-nos proporcionado a participação neste evento. A Professora Janice Machado que nos orientou na realização deste trabalho e ao Professor Heiberle Hirsberg Horário pelo incentivo constante na produção científica.

1.

2. Referências bibliográficas

PUC-Minas, Belo Horizonte, 2009.

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A MORTE E O CULTO AOS ANCESTRAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Etnografia em grupos Religiosos: relativizar o absoluto. TOMO São Cristóvão-SE Nº 14 jan./jun. 2009.

DIAS, Patrícia Regina Corrêa. Ritos e Rituais - Vida, Morte e Marcas Corporais: A importância desses símbolos para a sociedade. VIDYA, v. 29, n. 2, p. 71-86, jul./dez., 2009 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603 X.

DILLMANN, Mauro DIA DE FINADOS: UMA HOMENAGEM AOS MORTOS NA *VISITA DE SAUDADE* AO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL E ALMAS DE PORTO ALEGRE – SÉCULO XX. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n. 2, jul./dez. 2012, pp. 160-179.

THOMPSON, Barbara. MEMÓRIA E EXALTAÇÃO DA VIDA NO CEMITÉRIO MONUMENTAL *MEMORY AND EXALTATION LIFE IN CEMETERY MONUMENTAL*. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA, v. 27, n. 03, set/dez 2014, p. 89 – 107.